

DESVELANDO FERIDAS E RECONSTRUINDO CONSCIÊNCIAS: O ENSINO DE HISTÓRIAS SENSÍVEIS NA TEMÁTICA DO RACISMO

Emanoel Lucas dos Santos Silva ¹
Gabriely Kesia de Oliveira Loa ²
Sonalia Vitoria Lourenço de Sá ³
Raquel Leão de Bastos ⁴

RESUMO

Este trabalho busca analisar a importância e os desafios do ensino de histórias sensíveis, com foco na abordagem da temática do racismo. No contexto atual, reconhecemos a necessidade de abordar assuntos delicados como o racismo de forma responsável e eficaz nas salas de aula. Tomamos as contribuições de Paulo Freire (2001) e Howard Zinn (2008) que argumentam que o ensino de história deve ser uma ferramenta crítica para compreender as desigualdades sociais e promover a conscientização, enfatizando a importância do diálogo e da problematização histórica, defendendo uma história mais inclusiva, que dê voz aos grupos historicamente marginalizados. Como também Dominick LaCapra (2005) que destaca a natureza sensível da história, que apresenta como eventos traumáticos, como a escravidão e a segregação racial, deixam marcas duradouras na sociedade e na psicologia das pessoas. Isso nos leva a considerar como o ensino de tais histórias pode afetar emocionalmente os estudantes. Portanto, este trabalho propõe uma abordagem pedagógica que combina a conscientização crítica de Freire, a inclusão de Zinn e a sensibilidade histórica de LaCapra. Buscamos trazer possibilidades de um ensino através dos usos de narrativas, literatura e testemunhos pessoais para facilitar a compreensão emocional e intelectual das histórias sensíveis, possibilitando ao ambiente da sala de aula um lugar seguro de aprendizado, onde os discentes podem discutir abertamente as questões do racismo e tecer reflexões sobre suas implicações na sociedade contemporânea. De tal forma que o ensino de história se torne uma ferramenta para trabalhar a temática do racismo, buscando promover uma conscientização histórica como também promover uma justiça social, despertando nos discentes também empatia, transformando em bons agentes sociais na sociedade.

Palavras-chave: Ensino de História, Histórias Sensíveis, Racismo, Sala de Aula.

INTRODUÇÃO

O racismo representa um dos principais fatores que alimentam a violência na sociedade contemporânea, fortalecendo pensamentos e práticas que visam oprimir, menosprezar ou lesar diretamente grupos, raças e etnias. Apesar dos esforços do ativismo em promover uma política antirracista, esse empenho por si só não tem sido suficiente para erradicar o problema de forma

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, emanoel.lucas@estudante.ufcg.edu.br;

² Graduanda do Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, gabriely.kesia@estudante.ufcg.edu.br;

³ Graduada pelo Curso de Filosofia da Faculdade Católica da Paraíba – FAFIC, sonaliavitoria81@gmail.com;

⁴ Orientadora: Raquel Leão de Bastos: Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, leaodebastos@gmail.com.

abrangente. Especialmente no que diz respeito às manifestações racistas que são toleradas pela sociedade, como aquelas presentes no humor, onde são evidenciadas de maneira constante, mas muitas vezes desconsideradas como irrelevantes. Argumenta-se que tais práticas não causam danos a nenhum grupo, pois são empregadas de forma aparentemente não violenta em relação aos outros, ao contrário do discurso de ódio que atenta diretamente contra a dignidade humana, estas quando acompanhadas e empregadas com sentido humorístico.

No Brasil, a Lei 7.716/89, de 5 de janeiro de 1989⁵, define como crime, os atos racistas, conforme estipulado no artigo nº 1, que estabelece que "serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional". Assim, o racismo em sua forma mais explícita e violenta é passível de penalização legal. No entanto, quando se trata de atos considerados indiretos, muitas vezes passam despercebidos pelas autoridades, especialmente quando ocorrem de maneira velada e são legitimados por grupos que os praticam.

Nesse contexto, observamos como o preconceito e o racismo frequentemente são vivenciados de maneira naturalizada, especialmente nas escolas, sobretudo quando os alunos estão sozinhos. Eles acabam reproduzindo discursos originados de diversas fontes, incluindo o ambiente escolar. Não é incomum ouvir relatos de jovens que foram traumatizados durante sua formação básica ao serem alvo de zombarias e apelidos por parte dos colegas de turma. Diante dessas conclusões mais amplas, o presente artigo se torna relevante, buscando estimular reflexões sobre uma temática tão crucial para a educação brasileira.

As aulas de história proporcionam uma oportunidade única para refletir sobre diversas situações sensíveis, especialmente ao abordar questões emblemáticas da história da humanidade, que envolvem guerras, opressões e, evidentemente, a escravidão dos povos africanos. No caso do Brasil, essa abordagem torna-se ainda mais delicada, não apenas devido aos séculos de marginalização dos povos negros, africanos e indígenas, mas também pela profunda cicatriz que permeia os cenários sociais contemporâneos.

⁵ Inicialmente, a lei foi elaborada para a punição de crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e ficou conhecida como lei do racismo, mas a lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, acrescentou os termos etnia, religião e procedência nacional, e ampliou a proteção da lei para vários tipos de intolerância. As penas previstas podem chegar até 5 anos de reclusão e variam de acordo com o tipo de conduta. O intuito da norma é de preservar os objetivos fundamentais descritos na Constituição Federal, mais especificamente de promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/educacao-semanal/discriminacao-ou-preconceito-1#:~:text=Lei%20n%C2%BA%207.716%2C%20DE%205,etnia%2C%20religi%C3%A3o%20ou%20proced%C3%A2ncia%20nacional. Acesso em 28/11/2023.>

Nesse sentido, destacamos a obra dos autores Howard Zinn e Bill Bigelow (2008), intitulada "A História de um Povo para a Sala de Aula". Embora essa obra utilize um enfoque didático centrado na história dos Estados Unidos para maquiagem e suavizar as atrocidades cometidas por essa potência ao longo dos anos, Zinn e Bigelow buscam extrair reflexões sobre o uso da história. Eles não se limitam a expor as brutalidades e explorações perpetradas pelo país, mas também instigam reflexões sobre como a narrativa dos autores tenta muitas vezes mascarar a destruição causada pelos Estados Unidos. No entanto, ao abordar essa parte que tenta apagar a história do nosso país, o Brasil, devemos, pelo contrário, expor as atrocidades cometidas pela nação em relação aos povos negros, africanos e aos nativos da terra, os povos originários. É fundamental tecer críticas e reflexões sobre as práticas históricas do Brasil, reconhecendo a aula de história como um meio essencial para promover análises profundas, desvendar feridas e reconstruir consciências.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O RACISMO NO BRASIL

A história do Brasil, caracterizada como uma nação agroexportadora, país do futebol, marcada por misturas raciais e reconhecida como o país do carnaval, não pode ser compreendida sem considerar a presença fundamental dos africanos. Eles desempenharam um papel crucial como mão de obra necessária para cultivar as lavouras e, ao mesmo tempo, enriqueceram nossa cultura com seus ritos e costumes, contribuindo significativamente para a formação da identidade brasileira. Mesmo que essa contribuição tenha ocorrido muitas vezes de maneira forçada, é inegável que não seríamos a nação que somos hoje sem essa influência.

Contudo, nossa sociedade se estrutura em uma hierarquia racial que exclui os negros dos espaços sociais, e as instituições são moldadas por pilares que dificultam ou até mesmo impossibilitam a plena inserção desses indivíduos.

A historiografia que emerge após a abolição da escravidão desenha um retrato desolador dos negros, retratando-os como um povo sem pátria, relegado às margens sociais, marcado pela miséria, desigualdade e ignorância. Contrariamente, muitos dos elementos que constituem nossa cultura têm raízes profundas na cultura africana. Como destaca Santos (2016), "o negro contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as artes, língua, religião, economia e indústria". No entanto, persiste a ênfase na ideia de um povo sem cultura, como se não tivessem nada relevante a oferecer à sociedade.

A escola, como uma das instituições mais influentes em nossa sociedade, desempenha um papel crucial na formação dos cidadãos que vão liderar a sociedade. No entanto, ela é projetada e baseada em um sistema que exclui o indivíduo negro. Conforme apontado por Maria Arlete Santos (2016), a história africana raramente é abordada no currículo escolar de história, e quando é, muitas vezes se limita à narrativa de um povo escravizado e explorado pelo homem branco. Dessa forma, perpetuamos a exclusão e o apagamento da contribuição essencial desses indivíduos para a nossa formação, como se quiséssemos apagar as raízes que nos constituem.

Guimarães (2004) destaca que o racismo surge na cena política brasileira após a abolição da escravatura. A liberdade recém-conquistada, ao menos teoricamente, permitia que os escravizados desfrutassem do status de cidadãos. Contudo, o racismo emerge como um mecanismo de inferiorização, destacando uma suposta superioridade entre brancos e negros. Havia também a preocupação de que os recém-libertos pudessem ocupar posições historicamente reservadas aos brancos, como no mercado de trabalho. Assim, o racismo surge como um mecanismo destinado a manter a inferiorização e preservar privilégios.

A IMPORTÂNCIA DE ABORDAR ASSUNTOS SENSÍVEIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

O ensino de história desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e conscientes, sendo um espaço propício para a abordagem de assuntos sensíveis que moldaram o curso da humanidade. Tratar questões delicadas, como genocídios, escravidão, conflitos e outros eventos marcantes, não apenas enriquece a compreensão dos estudantes sobre o passado, mas também contribui para a construção de uma consciência histórica mais profunda e inclusiva.

Ao introduzir temas sensíveis no currículo de história, proporcionamos aos alunos a oportunidade de desenvolverem empatia, sensibilidade e uma compreensão mais holística das diversas perspectivas que moldaram a sociedade. O enfrentamento desses assuntos desafiadores estimula o pensamento crítico e a análise reflexiva, habilidades essenciais para o pleno exercício da cidadania. A história, quando ensinada de maneira sensível, não apenas revela os feitos grandiosos da humanidade, mas também expõe suas feridas e contradições. Isso permite que os estudantes reconheçam a complexidade do passado e compreendam como eventos históricos impactam as realidades contemporâneas.

Além disso, abordar temas sensíveis no ensino de história contribui para desmistificar estigmas e combater preconceitos. A compreensão aprofundada de eventos como genocídios, opressões e discriminações oferece aos alunos a oportunidade de questionar estereótipos e construir uma visão crítica sobre as estruturas sociais que permeiam suas vidas.

O diálogo aberto sobre assuntos sensíveis também promove a inclusão e o respeito à diversidade, aspectos cruciais para a construção de sociedades mais justas e equitativas. Ao trazer à tona diferentes experiências e narrativas, os estudantes são incentivados a valorizar a riqueza da diversidade humana e a reconhecer a importância da justiça social.

Em resumo, a abordagem de assuntos sensíveis no ensino de história não apenas amplia o conhecimento dos alunos sobre o passado, mas também contribui para a formação de indivíduos críticos, empáticos e comprometidos com a construção de um futuro mais justo e inclusivo. Portanto, é imperativo que educadores adotem métodos sensíveis e reflexivos, promovendo uma educação histórica que transcenda os eventos e explore as complexidades inerentes à condição humana.

ABORDAGEM DE TEMAS SENSÍVEIS NA SALA DE AULA

Lidar com temas sensíveis não faz parte do cotidiano usual dos professores, uma vez que são questões que, de modo geral, não são abordadas em nossa formação docente. Na vida docente, essa é mais uma área na qual nos deparamos despreparados, e, por isso, buscamos aprimorar nossas habilidades para dialogar de maneira satisfatória. É reconhecendo essa lacuna na formação docente que justificamos a presente reflexão contida neste artigo.

Um ponto crucial frequentemente negligenciado nas aulas de história é a complexidade do uso de temáticas sensíveis, que podem incluir assuntos como aborto, drogas, questões relacionadas a estados vegetativos, entre outros. Destacamos aqui o racismo, muitas vezes esquecido ao ensinar conteúdos sobre a escravidão no Brasil. Com mais de três séculos de opressão a uma raça inteira, é evidente a importância de refletirmos sobre todas as atrocidades vivenciadas, que deixaram cicatrizes profundas e inesquecíveis, mas que precisam ser discutidas.

As questões sensíveis destacadas requerem uma abordagem metodológica que permita uma compreensão verdadeira, enfatizando não apenas a exposição das atrocidades, mas também a busca por novas reflexões sobre os fatos. Dominck LaCapra fornece diretrizes valiosas sobre como abordar uma história sensível, como o Holocausto, indicando que as referências concretas e as reivindicações de verdade são pertinentes não apenas para afirmações específicas, mas

também para questões mais amplas. Ele destaca a importância de considerar diferentes perspectivas, evitando explicações simplistas e reconhecendo a complexidade dos eventos históricos.

Por ejemplo, en el debate acerca del Holocausto, del cual White y Ankersmit han participado últimamente, las referencias concretas y las reivindicaciones de verdad son pertinentes no sólo con respecto a afirmaciones tales como "la Conferencia de Wannsee se realizó el 20 de enero de 1942". También son pertinentes para cuestiones más amplias, como las que incumben al debate entre los intencionalistas (que ponen el acento en la índole policrática o descentralizada del régimen nazi, en procesos burocráticos más impersonales y en la acción de funcionarios de rango medio o bajo para implementar la "solución final" e, incluso, a veces, iniciarla). Hoy en día, la mayoría de los historiadores del Holocausto dirían que en ninguna de estas dos posiciones puede hallarse una explicación verdadera y que, a la vez, "corresponda" en el sentido de Ankersmit; dirían que se requiere una combinación más compleja de ambas y un desplazamiento del acento hacia otros factores que ninguna de las dos tiene en cuenta. (LaCapra, 2006, p.36)

LaCapra reflete sobre como, mesmo nos dias de hoje, as discussões em torno do Holocausto continuam gerando debates sobre intenções e outros fatores que levaram ao grande extermínio durante esse período da história. Trazer essa discussão para o contexto brasileiro, é essencial problematizar cada vez mais as questões em torno do racismo e sua formação estrutural, bem como os mecanismos contemporâneos que reforçam a opressão da população negra no país. Essa abordagem crítica e reflexiva contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada dos temas sensíveis em sala de aula.

Embora reconheçamos as lacunas na formação relacionadas à abordagem de temas sensíveis no ensino de história, é imperativo que atuemos como sujeitos autônomos e busquemos suprir essas necessidades. É evidente que, na maioria das vezes, não serão oferecidas oportunidades de formação adicional para os professores lidarem adequadamente com tais temas ou para conduzirem reflexões críticas sobre eles. Dessa forma, recorreremos às contribuições de Paulo Freire sobre leituras e reflexões críticas, aproveitando suas orientações para desenvolvermos abordagens mais contextualizadas e significativas em sala de aula.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação.

E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem



da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade à generalização que se opera na linguagem escolar e desta ao concreto tangível. (Freire, 2001, p. 261)

Nesse contexto, concebemos o início das reflexões sobre a formação inicial destinada a abordar temas sensíveis na sala de aula. Não pretendemos oferecer uma solução definitiva sobre como lidar com essas questões, pois, como em toda produção educacional, é crucial reconhecer o contexto específico em que se está inserido. Não existe uma fórmula pronta, uma vez que os campos de atuação são variados e distintos, demandando essa fase inicial de reconhecimento do terreno. Somente ao compreendermos os elementos particulares desse ambiente é que podemos avançar na implementação de discussões tão cruciais para a formação tanto docente quanto discente no país.

CONCLUSÃO

Em conclusão, a abordagem sensível e aprofundada da temática do racismo no ensino de história desempenham um papel vital na formação dos estudantes, proporcionando uma compreensão mais completa e crítica do passado e suas implicações no presente. Ao enfrentar assuntos sensíveis, como o racismo, os educadores não apenas enriquecem o conhecimento histórico dos alunos, mas também promovem o desenvolvimento de habilidades essenciais, como empatia, pensamento crítico e respeito à diversidade.

Ao reconhecer as feridas históricas e contradições relacionadas ao racismo, os estudantes têm a oportunidade de questionar estigmas, desconstruir preconceitos e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. A abordagem reflexiva desses temas sensíveis não apenas educa sobre as atrocidades do passado, mas também estimula a análise das estruturas sociais atuais e o engajamento na promoção da igualdade e inclusão.

Portanto, a importância de tratar o racismo no ensino de história transcende a mera transmissão de fatos históricos; ela molda cidadãos conscientes, capazes de compreender o mundo sob uma perspectiva crítica, ativa e comprometida com a construção de um futuro mais equitativo e respeitoso com a diversidade humana. O ensino de história, ao abraçar essa abordagem, torna-se uma ferramenta poderosa para a promoção da justiça social e a transformação positiva da sociedade.

REFERÊNCIAS:



BIGELOW, Bill; ZINN, Howard. **A história de um povo para a sala de aula**. Repensando as Escolas, 2008.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos avançados**, v. 15, p. 259-268, 2001.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de antropologia**, v. 47, p. 9-43, 2004.

LACAPRA, Dominick. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva visión, 2005.

SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Temas em Educação e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 217-229, 2016.